

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

ELENCO:

Gogo.....Márcio Guerra
Didi.....Jorge Carvalho
O Menino.....Priscilia Gomes
Ema.....Sónia Esteves
Mãe.....Natércia Martins
Os Quatro Homens.....Abel Ramos, Alfredo Gomes
Augusto Sousa e António Branco
As Três Mulheres.....Cláudia Fontão, Sónia Esteves e Susana Campina

TEXTO: A Peste (a partir de textos de Samuel Beckett)

DIREÇÃO ARTÍSTICA: António Branco e Márcio Guerra

PRODUÇÃO: A Peste / CIAC

CENÁRIO: árvore, pedra e lua criadas por Gustavo Jesus

FIGURINOS: António Branco e Márcio Guerra

ILUMINAÇÃO: António Branco e Fernando Cabral

FOTOGRAFIA:

Programa e cartaz: Fernando Cabral

Divulgação: Tatá Regala

CONCEÇÃO GRÁFICA: Bloco Design

A PESTE

Abel Ramos, Alfredo Gomes, António Branco, Augusto Sousa, Cláudia Fontão, Fernando Cabral, Jorge Carvalho, Márcio Guerra, Natércia Martins, Priscilia Gomes, Sílvia Pona, Sónia Esteves, Susana Campina e os conselheiros artísticos, Manuela de Freitas e José Mário Branco.

OUTROS ESPETÁCULOS D' A PESTE

Páscoa, de August Strindberg (2008)

Fando e Lis, de Fernando Arrabal (2009)

Fala Comigo, a partir de uma peça de Tennessee Williams (2010)

A Peste agradece a: Grupo de Teatro Lethes, Gustavo Jesus, Susana Lampreia, Tatá Regala, Reitoria da UALG e F.C.H.S.

A PESTE
Associação de Pesquisa Teatral

GOGO E DIDI

Cantata com prelúdio e fugas



sobre o espetáculo

Agora, onde? Agora, quando? Agora, quem? Algumas luzes frouxas parecem marcar por instantes uma forma qualquer de distância. A que panos de fundo dá acesso este pano de fundo? Estúpida obsessão da profundidade. Sinto que vai começar tudo de novo. Um lugar, depressa. Sem acesso, sem saída, um lugar seguro. Até ao momento em que se ouve esse ruído que nunca mais se calará. Mas continua a ser vida, a vida em todo o lado e sempre, a vida de que toda a gente fala, a única possível. Quantos nervos em franja arrancados ao embrutecimento, com o terror que lhe cabe, e os miolos a arder. Porquê a voz humana nestas condições? Porque não uivos de hiena ou marteladas? Estão entre eles. E gostam de falar, sabem que é a pior das secas, para quem não está prevenido. São muitos, talvez estejam de mãos dadas, cadeia interminável, agarrados aos anéis uns dos outros, falando por turnos. Mas muitas vezes falam todos ao mesmo tempo, dizem ao mesmo tempo exatamente a mesma coisa, mas é um conjunto tão perfeito que parece uma só voz, uma só boca. Mas não falemos mais deles, o seu papel terminou, não, ainda não, temos de os manter, ainda vão servir, deixemo-los para aí. A andar às voltas, soltando os seus gritos. Inferno estranho, não aquecido, não povoado, talvez seja o paraíso, talvez seja a luz do paraíso, e a solidão, e a voz talvez seja a dos bem-aventurados que intercedem, invisíveis, pelos vivos, pelos mortos, tudo é possível. As lágrimas jorram quase sem parar, não se sabe porquê, não se sabe nada, se é de raiva, se é de dor, é assim, talvez seja a voz que faz chorar, de raiva, ou de outra paixão qualquer, ou por ter de ver, de tempos a tempos, alguma coisa, talvez seja isso, talvez chore para não ver. A coisa vai, a coisa vai. Como espetáculo parece pobre. Mas será possível saber, sem se estar lá, sem se viver lá. E que mais. Calma, calma, deve haver outra coisa. Aqui deve haver de tudo, como em todos os mundos, um pouco de tudo. Quando eles se forem embora, quando se calarem, ficará escuro, nem um ruído, nem um clarão, mas eles nunca se irão embora, sim, talvez se calem, talvez se vão embora, um dia, uma noite, lentamente, tristemente, em fila indiana, projetando sombras longas, irão ter com o mestre, que os castigará, ou os poupará, é o que há, lá em cima, para os que perdem, o castigo, o perdão, ambos, eles é que dizem, O que fizeram do vosso material? Embora isso não tenha importância, neste caso. Porque quem teve de ouvir continuará a ouvir, quer saiba que nunca mais ouvirá nada, quer não saiba. O silêncio uma vez rompido nunca mais ficará inteiro. Quer dizer que não há esperança? Sim, talvez haja, uma esperança de nada, mas que nunca servirá. Contudo, há que dizer uma coisa, as coisas estão só no início, embora já durem há

muito tempo, eles não vão desanimar, nunca se hão de calar. É o seu trabalho, são as suas atribuições, querem lá saber se dá ou não resultado. Outra coisa. O problema é delicado. Que fazem eles dos efeitos do hábito? Podem combatê-los, erguendo a voz, aumentando a claridade. Os queimados vivos, quando não estão atados, não hesitam, caramba, em correr para todos os lados, sem qualquer método, crepitando em busca de um pouco de frescura. Até há os que levam o sangue-frio ao extremo de se atirarem de uma janela. Em frente. Fácil de dizer. Mas onde é que fica esse em frente? Afinal quantos somos? E quem é que está a falar neste momento? A quem? De quê? Estas perguntas não servem para nada. Que querem, eles também não sabem quem são, onde estão, o que fazem, porque é que as coisas correm mal, abominavelmente mal, deve ser isso. Então engendram hipóteses que acabam por se desmoronar umas a seguir as outras, é humano, uma lagosta não seria capaz de o fazer. Estamos todos lindos, estaremos todos metidos na mesma alhada, não, nada disso, cada um de nós está lindo à sua maneira. Ah esta voz cega. E estes instantes de respiração contida em que toda a gente escuta desesperadamente, e a voz que volta a tatear, sem saber o que procura, e de novo o ínfimo silêncio, à espreita não se sabe de quê, de um sinal de vida, deve ser isso, um sinal de vida saído de alguém, que seria negado se surgisse, deve ser isso, se tudo isso pudesse acabar, viria a paz, não, não se acreditaria, ficar-se-ia à espreita, outra vez da voz, de um sinal de vida, de alguém que se traísse, ou de outra coisa, fosse o que fosse, que mais pode haver senão sinais de vida. E o tempo que eles perdem a repetir a mesma coisa, quando devem saber que não é a mais adequada. E não encontram outra coisa para dizer senão o que os impede de encontrar. Portanto, nada de espectadores, ou, melhor ainda, nada de espetáculo, e já é uma coisa a menos. Nada disto existe, contaram-nos umas tretas, contaram-lhe umas tretas, a ele quem, ao mestre, a nós quem, não sabemos, o eterno terceiro, é ele o responsável por este estado de coisas. Se um povo inteiro lá estivesse e esta voz fosse a sua oh vocês sabem muito bem, vocês quem, deve ser o público, oh há publico, é um espetáculo, paga-se bilhete e espera-se, ou talvez seja gratuito, espera-se que comece, o quê, o espetáculo, ou talvez seja obrigatório, espera-se que o espetáculo obrigatório comece, nunca mais começa, ouve-se uma voz, o espetáculo é isso, não se pode sair, receia-se sair, noutra lá fora talvez seja pior, faz-se o que se pode, o espetáculo é esperar sozinho, no ar que rodopia, que tudo comece, que alguma coisa comece, que haja outra coisa além de nós, que seja possível sair, que se deixe de ter medo.